

**IDEAL PASTORAL, BIORREGIONALISMO E MODERNISMO NA LITERATURA  
SOBRE A PRODUÇÃO DE MAÇÃS NO BRASIL**  
PASTORAL IDEAL, BIOREGIONALISM, AND MODERNISM IN THE LITERATURE ON APPLE  
PRODUCTION IN BRAZIL

Jó Klanovicz<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo discute as relações entre ideal pastoral e modernismo tecnológico na literatura sobre a produção de maçãs no Brasil. Para isso, as obras *Glória de pioneiros* (1984) de Gentila Porto Lopes, e *Fraiburgo: berço da maçã brasileira* (1989), de Willy Frey, foram discutidas por meio de categorias como biorregionalismo, hùbris, escrita da natureza e imaginação ambiental, oriundas da Ecocrítica e da História Ambiental. Os livros não são apenas obras literárias que falam da implantação de pomares de macieira numa pequena cidade do interior do Brasil. Eles fazem parte de um sistema maior que envolve tecnologia, instituições, relações ecológicas, de representações sociais e de anseios que ora aparecem reificados numa interpretação mais modernista, ora numa pastoral que remitifica a ligação entre humanos e mundo natural.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Ambiental. Literatura. Escrita da natureza. Biorregionalismo. Modernismo.

A modernização da agricultura no meio-oeste de Santa Catarina, Brasil, foi vigorosamente impulsionada pelos aportes financeiro e tecnológico do aparelho estatal e da iniciativa privada (SCHMIDT, 1989; MUSSOI, 1997; KLANOVICZ e NODARI, 2005), e foi caracterizado por uma série de intervenções do conhecimento técnico, mas também de uma cultura técnica peculiares, baseadas na hùbris de engenheiros agrônomos e técnicos agrícolas (KLANOVICZ, 2007; KLANOVICZ e NODARI, 2010). O caso do município de Fraiburgo é exemplar da relação tecida entre modernização e hùbris tecnológica: de um lugar onde prevalecia a atividade econômica extrativista e pecuária até a década de 1950, a década seguinte inaugura um processo de conversão econômica que direcionou a cidade para a atividade de fruticultura de clima temperado, capitaneada pelo cultivo da macieira (*Malus domestica* B.) e por consequências socioeconômicas, ambientais e culturais peculiares de um modernismo que veio a reboque da modernização, e que justificou, em certa medida, a fetichização da maçã na localidade, e influenciou sobremaneira a construção de uma literatura local que passou a interpretar as relações entre humanos e não humanos (ou, em outros termos menos precisos, sociedade e natureza), a partir de um enfoque biorregionalista, e modernista. Obras como *Glória de pioneiros: o Vale do Rio do Peixe (1934-1984)*, da escritora Gentila Porto Lopes (1984) e *Fraiburgo: berço da maçã brasileira*, de Willy Frey (1989),

---

<sup>1</sup>Doutor em História Ambiental (UFSC, 2007). Pós-doutorado em História Ambiental e Etnopedologia (CAV- UDESC, 2008). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Paraná. E-mail: klanov@gmail.com / homepage: <http://unicentro.academia.edu/JoKlanovicz>.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

representam importante papel na interpretação histórica de uma literatura que se esforçou, em muito, para construir imaginações ambientais peculiares acerca da relação entre humanos e mundo natural na região, a partir de enfoques localistas e diversificados.

Fraiburgo é um município que tem, atualmente, cerca de 32 mil habitantes, com uma história oficial detalhada e construída ainda no nascedouro de sua trajetória política em 1961. Contudo, a sucessiva rememoração de sua criação, bem como a multiplicidade de agentes que acabaram por construir a identidade local baseada no trabalho e na tecnologia, acabou por gerar disputas pela memória (KLANOVICZ, 2009). Talvez seja essa a justificativa para que um pequeno município do interior de Santa Catarina tenha se tornado objeto de interpretações literárias e históricas sucessivas como as já apresentadas, além de outras obras posteriores, de cunho acadêmico. Como já disse, o município ancorou sua imagem nas figuras do trabalho, na máxima exploração visual e turística da tecnologia, nas praças em que não são exibidos bustos dos fundadores, mas máquinas que cortaram o solo no processo de guinada da economia extrativista para a agrícola, em museus que ostentam artefatos técnicos, e numa conformação urbana regrada por um urbanismo também moderno, e não espontâneo. Por outro lado, os produtos culturais diversos oriundos dessa constituição transbordaram para as artes plásticas e, principalmente, por ser de maior impacto e consumo, para a literatura regional, voltada à divulgação da história local, mas que esconde importantes peças para a análise de questões relativas à relação entre humanos e não humanos a partir do advento de pomares.

Se a modernização agrícola construiu-se a partir da tecnologia, um efeito específico desse processo foi a replicação, na esfera regional, da crença tecnológica de que era possível “domesticar” a natureza, “corrigir erros naturais” para produzir maçãs na região, “europeizar” a paisagem local, e “expandir o verde” das florestas antes nativas, e agora, na forma de pomares produtivos. A literatura local não se furtou à incorporação ou até à problematização de alguns desses aspectos constitutivos de uma mentalidade modernista onde a crença na tecnologia poderia dominar a natureza e a paisagem locais.<sup>2</sup> Ao passo em que construiria as descrições atentas à ode ao modernismo, essa literatura também nomeava uma natureza anterior, muitas vezes explorando a pastoral e uma paisagem prístina, enquanto que, em

---

<sup>2</sup> Neste texto, penso o modernismo de acordo com a categorização proposta por Paul R. Josephson nas obras *Industrialized Nature* (2002) e *Would Trotsky Wear a Bluetooth?* (2010), ou seja, uma cultura na qual a crença inabalável na tecnologia e na sua capacidade de dominar o mundo natural reverberam-se na constituição de uma húbri humana marcada pela fixação em grandes obras, força bruta para a produção de energia, grandes projetos agroindustriais, pretensão de uso total de recursos naturais a partir da ideia de que a expansão do conhecimento racional e universal gera a propulsão para o desenvolvimento em todas as suas versões, desde aquele característico das sociedades industriais entre final do século 19 e início do 20, até os inerentes às sociedades de risco, marcadamente pós-industriais.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

outros momentos, uma floresta hostil, horrenda, fria e temerosa.

Neste artigo, pretendo discutir alguns aspectos da literatura que trata das relações entre humanos e mundo natural, a partir de um estudo de caso sobre obras literárias de Gentila Porto Lopes e Willy Frey, já citadas, e que servirão como entradas interessantes para pensar a escrita da natureza a partir de um foco literário biorregionalista. Nota-se que não está sendo dado privilégio a grandes obras literárias, e sim, a literaturas menores, em termos de qualidade editorial, e de cunho de mercado. Os dois livros aqui estudados são, respectivamente, de uma escritora local, e de um empresário do ramo de fruticultura e versam sobre história municipal. Contudo, todos eles têm em comum as relações entre humanos e não humanos perpassando a trama, em vários momentos. Se a alta literatura apresenta um modo de percepção mais preciso e sensível dessas relações, por sua qualidade discursiva e por outros tantos elementos mediadores, o motivo repete-se e se estrutura de maneira semelhante em outras espécies de textos. Portanto, se optássemos por colocar a questão dessa forma – postulando uma distinção qualitativa entre dois tipos de refinamento – perderíamos, parafraseando Leo Marx (2000), a chance de definir a relação complexa entre a literatura e o grande corpo de significados e valores, ou seja, a cultura geral que a envolve (MARX, 2000, p. 10).

Com vistas a amparar o trabalho com essas fontes literárias e a escrita da natureza que neles será identificada, ancorarei minha leitura em algumas categorias que tomarei de empréstimo das áreas da Ecocrítica e da História Ambiental.

O crítico literário estadunidense Lawrence Buell (2001), ao se referir à literatura que emergiu nos EUA entre o final do século 19 e início do século 20, e que tinha cunho ora preservacionista, ora conservacionista, considera que o nascer da era ecológica passou, obrigatoriamente, pela incorporação, em obras literárias daquele período, de algumas descrições características das relações entre sociedade e mundo natural, que vão desde a ideia de uma paisagem prístina e original que fora, a posteriori, ocupada e deturpada pelos humanos, até a emergência de uma apologia ao domínio da natureza horrenda anterior ao artificialismo humano, na sua versão modernista. Esses discursos têm origem incerta, e podem ser deslocados até às fronteiras da era moderna, e do surgimento de uma concepção mecanicista de mundo. O que interessa aqui é pensar que a literatura foi o principal meio de difusão dessa escrita da natureza, com base na tecitura de textos ambientais.

De acordo com Lawrence Buell (1995), os textos apresentam as seguintes características: a) o ambiente não humano está presente não apenas como uma moldura, mas como uma entidade que sugere que a história humana está implicada na história natural. Isso *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

pode ser encontrado, especialmente, em textos nos quais alguns determinismos como o climático jogam papel importante na trama, como o que ocorre na obra *Passage to India*, de E. M. Forster. Outro aspecto distintivo é que o interesse humano não é só pensado como o único interesse legítimo na trama. Como terceiro ponto distintivo, a ideia de que a preocupação humana com o ambiente é parte da orientação ética do texto. Por fim, alguns textos carregam certo senso do ambiente como um processo e não como um presente ou uma constante (BUELL, 1995, p. 8-9).

A circulação de livros representa a circulação de ideias, que podem ser encaradas a partir de uma dupla hélice que apresenta, numa das extremidades, a complexidade do que poderíamos chamar, parafraseando o próprio L. Buell (1995), de imaginação ambiental, e na outra, a dimensão prática dessa imaginação, que foi elaborada por Donald Worster (1991), que considera ideias como verdadeiros agentes ecológicos.

Nesse sentido, podemos falar de um biorregionalismo literário, muito semelhante a um tipo de literatura que emergiu nos EUA no final do século 19, a partir de um processo de expansão do leste para o oeste, da constituição da fronteira como espaço de construção da nova identidade estadunidense, e do desenvolvimento de uma teoria da fronteira móvel que acabou sendo fundamental para interpretar o processo de apropriação do mundo natural, da transformação da paisagem, e, claro, da elaboração teórica de vazios demográficos, bem como da sistemática expulsão de indígenas de todo o território por meio da violência material e simbólica. O biorregional é marcado pelo retorno do “espaço” na literatura, da ênfase nas peculiaridades locais em termos paisagísticos, e na “geografização” política da natureza. Como se houvesse uma natureza local, estadual, regional ou nacional. Em certa medida, é o exemplo da denominação popular da Araucária (*Araucaria angustifolia*), que era Pinheiro do Paraná, ou Pinheiro do Brasil. O texto biorregionalista presume que não pensamos no nosso entorno e na nossa relação com ele como comumente afirmamos pensar. Talvez, a atração mais comum nessa escrita seja o fortalecimento de nosso sentimento tanto pelos lugares que não conhecíamos antes da oportunidade de ler e outros que já eram conhecidos, porém sem profundidade. Nesse sentido, a literatura biorregionalista ativa o senso de lugar (BUELL, 1995, p.261), dando vazão às intrincadas e complexas construções a ele inerente.

Resta dizer algo sobre o pastoralismo ou a “pastoral” dessas obras, que estão, em certa medida, mescladas com o modernismo baseado na húbriis tecnológica. Por “pastoral”, pode-se falar na ideia de retorno a um estado natural ou menos urbanizado de existência (MARX, 2000; BUELL, 1995). Historicamente, pastoral também significou uma consciência verde, ora *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

também eufemizou a apropriação da terra. Logo, ela tem valor ambivalente: pode nos guiar para um espaço físico natural ou nos abstrair dele. Portanto, ela é contraditória. A modernidade é que começa a se apropriar dessas representações para fins particulares locais, regionais ou nacionais, o que a tornou mais envolvente do ponto de vista de seu aparato conceitual e de suas apropriações ideológicas.

Todo esse arcabouço pode ser inserido num corredor de intenções, opções teórico-metodológicas e temáticas, que é a História Ambiental. Esse ramo do conhecimento histórico desenvolveu-se com sua atual roupagem a partir da década de 1970, tendo como núcleo comum a interpretação das relações entre humanos e mundo natural no tempo, levando em conta as recíprocas influências na via de mão dupla que caracteriza essas mesmas relações. Até os anos 1980, as primeiras histórias ambientais tratavam de interpretar tais relações a partir do rastreamento e da genealogia de alguns conceitos como ecologia. Contudo, dois livros importantes servirão para delimitar melhor o campo. O primeiro deles, *Dust Bowl*, de Donald Worster, publicado em 1979, servirá como exemplo de consolidação da História Ambiental no campo historiográfico, postulando uma análise realizada em três níveis interdependentes sobre as relações entre sociedade e natureza, que vão desde o entendimento da organicidade da natureza em termos de informações botânicas, químicas, físicas, passando pelo nível das construções socioeconômicas, marcadamente aquelas que são elaboradas a partir da mediação tecnológica com o mundo por meio da cultura material, chegando no estudo das percepções sociais sobre essas relações, o que compreende o debruçar-se sobre mitos, lendas, conjuntos de leis, representações e discursos.

Nos anos 1990, a História Ambiental encontra outros lugares criativos para o seu desenvolvimento, e as perspectivas fragmentam-se em uma multiplicidade de sentidos, de temas e de opções teórico-metodológicas. Haverá, a partir desse momento, aqueles que se debruçam sobre a análise da ideia de natureza partindo das descobertas da ecologia da década de 1970, especialmente aquelas que começarão a pensar na complexidade da natureza, e não apenas em sua ordem primordial; não obstante, aparecerão teóricos e teóricas que argumentarão que a distinção entre sociedade e natureza emergiria como consequência das industrializações e do capitalismo, sendo que os humanos teriam vivido, até a modernidade, em plena harmonia com o mundo natural. Outros, porém, refutarão essa possibilidade, argumentando que a distinção sempre existiu. No contraponto, haverá quem diga que tal distinção representa uma falsa questão teórico-metodológica, na medida em que natureza decorre, obrigatoriamente, de operações mentais humanas e está presa ao campo da retórica. *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

Nesse campo de discussão extremamente profícuo, teóricos como Bruno Latour (2001) tomarão uma postura mais radical, argumentando outra coisa: que não há relevância alguma para a interpretação das relações no todo da realidade, pensar e sustentar a diferença ou hierarquia entre sociedade e natureza, uma vez que a realidade é bizarra e permeada por uma multiplicidade de agentes, humanos e não humanos. Caberia aos humanos apenas estender o tecido social aos não humanos para que esses travassem relações humanas, observáveis e transformadas em discursos, ou seja, verbalizadas com um sentido coerente e uma vontade de verdade.

Nesse sentido é que figuras de linguagem como a “força” da natureza”, a “beleza” da paisagem”, ou o “verde” das matas pode ser interpretado como componentes de câmaras que irão tratando de constituir, aos poucos, as proposições discursivas que darão vida a ideias ecológicas e ações práticas no mundo das relações entre humanos e não humanos.

O texto ambiental, portanto, localiza-se, também, no campo da representação formal do mundo natural, contendo um caráter ambidestro que, por vezes, pode incorrer num duplo reducionismo: o reducionismo no nível de representação, na medida em que, muitas vezes, desloca o olhar de leitores e leitoras fazendo-os crer que a narrativa replica o mundo objetivo ou que ele cria um mundo linguístico novo; e o reducionismo no nível das ideias, que faz com que consideremos o ambiente como a maior preocupação textual ou, meramente, como a mistificação de alguns outros interesses (BUELL, 1995, p. 13).

As observações de L. Buell (1995) servem sobremaneira para criticarmos a posição de alguns historiadores que consideram que a natureza e as relações tecidas com os humanos não podem ser levadas em conta senão por meio da prisão retórica da qual emana a partir das construções mentais humanas. Assim, ao lermos textos ambientais não podemos nos prender à esfera da representação formal, apenas. Os maiores teóricos da polaridade campo-cidade, Raymond Williams e Leo Marx, diferem radicalmente nas suas respostas tanto sobre a paisagem campestre como com relação aos textos literários, mas concordam na interpretação dessa polaridade como tendo mais relação com o choque de interesses econômicos, políticos e de classe do que com as paisagens propriamente ditas (BUELL, 1995, p. 13). O antiurbanismo é, segundo L. Marx, “melhor entendido como a expressão de outra questão: uma atitude distante mais inclusiva, indireta e equivocada para com a transformação da sociedade e da cultura da qual a cidade industrial emergente é apenas a sua manifestação” (BUELL, 1995, p. 13-4).

## **1 Glória de Pioneiros, de Gentila Porto Lopes (1984)**

Em 1984, Fraiburgo completava 23 anos de emancipação político-administrativa, e representava uma das cidades de maior crescimento econômico no estado de Santa Catarina. Todo esse processo deveu-se, quase que exclusivamente, à produção moderna e comercial de maçãs, que teve impulso nos primeiros anos da década de 1960.

Com base em facilidades financeiras e técnicas ofertadas pelo Estado nacional, principalmente depois do golpe militar de 1964, o princípio da autossuficiência alimentar no país tornou-se uma tônica discursiva importante no rol de tantas outras que passavam pela transformação da imagem de um Brasil rural para um Brasil urbano, marcado pela tecnologia e pela ordem na sua versão militar e eficiente (KLANOVICZ, 2010).

Por outro lado, a iniciativa privada tratava de influenciar os rumos futuros da pesquisa agrícola voltada à produção de maçãs na região, ao passo em que expandia sobremaneira os pomares para áreas de campos naturais, campos artificiais e os remanescentes da mata atlântica caracterizada pela cobertura de Floresta Ombrófila Mista (FOM) regional. Carlos Eduardo Frickmann Young (2004), ao discutir o papel do desmatamento para o desenvolvimento da agricultura no Brasil, observou que Fraiburgo tornou-se a região de maior desmatamento de mata atlântica entre 1980 e 1983 em todo o Brasil, passando dos mil hectares de floresta derrubada.

A derrubada de matas para o plantio de macieiras era uma constante desde os anos 1970. Jorge Bleicher, agrônomo extensionista da Associação Catarinense de Crédito Rural (ACARESC), em documento de 1973, fazia questão de enfatizar que “em Fraiburgo, encontram-se 14 tratores de esteira, desmatando, destocando, transformando áreas improdutivas em lugares geradores de progresso” (BLEICHER, 1973). A positivação do desmatamento reverberava em descrições heroicas de máquinas como tratores de esteira, arados, motosserras e outras, num cenário em que poucas vozes dissidentes lamentavam o processo, embora também investissem capital nas futuras plantações, como é o caso do agrônomo francês Georges Delbard (1986).

Talvez o elemento distintivo desse processo tenha sido uma reportagem publicada na revista *Veja*, em junho de 1983, onde, reiteradamente, a expressão “correção dos erros da natureza de Fraiburgo” aparecia na voz de engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas e cidadãos locais. Tal matéria buscava dizer que Fraiburgo havia se tornado o maior produtor de maçãs do país, e que o Brasil não precisava mais depender da importação de maçãs para

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

suprir o mercado interno. Contudo, se a redação privilegiou um discurso economicista de superação das importações, especialmente da Argentina, não deixou de por em evidência, ainda que involuntariamente, a húbri dos engenheiros agrônomos locais.

A rápida expansão de pomares no período, aliada à constatação de que a produção nacional de maçãs estava se consolidando, corroborava a possibilidade de constituir trabalhos de divulgação de Fraiburgo, num emaranhado de ações que iam desde a tentativa de elaboração de uma identidade local, até a de uma agressiva campanha publicitária para garantir a expansão dos negócios da fruticultura de clima temperado. Como é de praxe no interior de Santa Catarina, o ponto inicial para a construção da autoimagem de Fraiburgo foi a construção de uma história local tradicional, para usar um termo historiográfico adaptação à realidade da história de Santa Catarina, cunhado por Cristina Scheibe Wolff (1994).

A história local tradicional, em Santa Catarina, sempre foi marcada pela ode às famílias dos fundadores de municípios, às efemérides locais, às conquistas e realizações de pioneiros, desbravadores, e à rememoração de espaços intocados que foram, graças a valores como “origem europeia” e “trabalho duro”, transformados em municípios “progressistas”, “modernos” e “pacíficos” (WOLFF, 1994, p. 8).

Sendo assim, a construção de uma história local tradicional levando em conta esses elementos, caberia como uma luva para a autoconstrução do município, ou, melhor dizendo, para reforçar interesses econômicos, políticos, sociais e recortes de classe, de etnia, de gênero e de geração, na cidade jovem, que recebia, devido ao boom econômico da fruticultura, cada vez mais migrantes especializados ou não, que tinham que se acomodar num processo de reorganização urbana, e que passava, já, a conviver com alguns problemas sociais oriundos da nova força motriz da economia.

Nada melhor para nutrir tais interesses e necessidades (o de alguns grupos, especialmente da elite econômica da fruticultura, mas também a necessidade de uma história capaz de arregimentar paixões e uma orientação explicativa de Fraiburgo no tempo político de Santa Catarina), do que a encomenda e a feitura de um livro de história local. Foi o que veio a ocorrer com a publicação, em 1984, de *Glória de pioneiros: o vale do rio do peixe (1930-1984)*, de Gentila Porto Lopes.

A obra *Glória de pioneiros* foi a primeira do gênero de história local produzida sobre Fraiburgo. A autora, Gentila Porto Lopes, deixava claro a pretensão de ser uma história verdadeira da família pioneira do município (Frey), e dos rumos que ela deu à localidade, partindo da vinda do primeiro imigrante da Alsácia-Lorena para o Brasil, ou o “pai da *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

família”, Guilherme Frey, nos estertores da Primeira Guerra Mundial, até a coroação do sucesso familiar na forma de empreendimentos de fruticultura nos anos 1980.

Até aí, nada de novo ou incomum para uma narrativa histórica local. A comparação entre elas até parece enfadonha, na medida em que a grande maioria desses textos é carregada de nomes e datas importantes para a localidade, porém sem muita consonância ou relevância para eventos maiores. Contudo, se pensarmos o quebra-cabeça identitário que perfaz Fraiburgo à época, já que a cidade não apresenta um traço étnico predominante, nem um vínculo religioso que marque princípios identitários como acontece em outras regiões, a situação modifica-se.

Ao percorrer a cidade, os símbolos são outros, em 1984: não há praças com bustos de fundadores, e a identidade é vinculada ao trabalho, ao fetiche “maçã”, mas também a máquinas. A primeira praça para quem adentra no município apresenta uma motoniveladora como símbolo do município. Outra, mais ao centro, apresenta um globo terrestre. Mais à frente, parte das ruas do centro do município são envoltas pela estrutura administrativa de uma empresa, a Sociedade Agrícola Fraiburgo S/A (SAFRA S/A), com prédios curiosos, pintados em vermelho forte. Na montanha, à frente desses prédios, um castelo normando estilizado, de propriedade de um engenheiro agrônomo franco-argelino. Em certa medida, os resultados dessa ginástica do olhar, são os de que a identidade do município reside em outras esferas, ou no trabalho, ou nas máquinas, ou, quem sabe, na natureza.

Fraiburgo estaria, será, tão próximo assim da constituição de uma identidade marcada pelo desafio a uma fronteira agrícola, como aconteceu nos EUA, onde o processo de construção da autoimagem de muitas localidades do oeste residiu especificamente na própria formulação da ideia de oeste e não em termos étnicos, raciais? Ou, então, até que medida poderíamos atribuir a construção da identidade local a partir do desenvolvimento de estratégias voltadas à autoimagem vinculada ao modernismo das máquinas, do traçado da cidade, do poder do conhecimento técnico possivelmente transbordando dos pomares para o mundo urbano? Talvez essa literatura biorregionalista auxilie na construção dessas suposições, e o lançamento do livro de G. P. Lopes, em 1984, seja o ponto de partida para tais interpretações, ainda mais que, recentemente, comentários críticos sobre essa obra tenham sido elaborados pelos próprios patrocinadores à época.

*Glória de pioneiros* tinha um acabamento simples, uma dimensão pequena e texto mais ou menos fluido. A começar pela capa, percebe-se uma intenção de delimitar o pioneiro (homem, obrigatoriamente) ao agricultor que percorre uma área de plantio, com uma pequena *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

casa ao fundo, araucárias por detrás da habitação e, no horizonte, montanhas sem qualquer cobertura expressiva, em termos de árvores. Em primeiríssimo plano, ao lado do título, uma maçã estilizada, vermelha, que não tem, obviamente, nenhuma relação com a descrição paisagística anterior, quase que representando um corte abrupto na cena. O desenho da capa não é atrativo do ponto de vista estético; a natureza que está sendo visualmente constituída aí não é aquela natureza prístina, intocada, e, sim, uma outra marcada pela figura da domesticação da paisagem, pela perturbação e desvio do sentido original, quer seja do relevo, das funções, da biogeografia ou do sentido metafórico e prático.

Mas a maçã estilizada vermelha quebrando a harmonia da capa, e que contribui para um desenho simplório, deixa transparecer uma intencionalidade muito marcante, e que está no vértice da constituição de uma proposição modernista que aparecerá a seguir. Ela prenuncia o deslocamento do sentido de paisagem como mero emblema dos sentimentos agrários e da tecnologia como aplicabilidade do conhecimento humano (características do pastoralismo que vigorou desde a época romana de Virgílio até o século 18), para uma nova roupagem, como agentes de mudança (MARX, 2000). Não estaríamos tratando de uma interpretação iluminista da paisagem, na medida em que o livro promete e pretende positivar a cidade e o campo transformados, industrializados, racionalizados, o que difere de inúmeras posturas iluministas que consideravam a fábrica ou a agroindústria como a reativação do feudalismo no mundo moderno, e que a inserção do mundo na racionalidade do pioneirismo e da exploração capitalista coroaria a não aplicação do conhecimento para o bem comum, ideal buscado, justamente nessas correntes.

Essa preocupação pode ser observada num dos primeiros momentos da obra, quando a autora explica as razões de ser do livro, e insere suas perspectivas acerca do município, a partir de uma breve descrição da localidade como uma cidade interiorana, que guardava todos os elementos para um futuro glorioso (LOPES, 1984, p.9). Segundo a autora, a razão para alimentar a visão de uma região “progressista” residia na “coerência de homens influentes na estrutura municipal, e pela mentalidade de progresso a eles inerentes (LOPES, 1984, p.9). Perfazendo uma notável apologia da política como motor da história, ao enfatizar a importância do indivíduo político, geralmente preso à elite, como membro capaz de promover a mudança de uma sociedade inteira, G. P. Lopes afirmava que a marca distintiva das pessoas que estruturaram Fraiburgo para ele ser a cidade de atração de migrantes e de oferta de empregos que era em 1984, eram as atitudes realistas daqueles que “lutaram de forma pacífica”, e aí, sim, o primeiro momento de consolidação do discurso operativo de construção *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

das relações entre humanos e mundo natural: a luta de forma pacífica, com as armas da paz, ou seja, “enxadas, picaretas, pás, machados, até chegarem aos tratores e demais implementos da tecnologia moderna. Todas elas utilizadas como armas de progresso” (LOPES, 1984, p.9).

A luta pacífica era contra uma natureza que, por vezes, amedrontava, e, por vezes, estava a serviço dos humanos, portanto, numa ambivalência em termos de valoração e de imaginação ambiental, servindo, de acordo com alguns interesses, ora como uma figura de obstáculo a ser transposta, superada, ora como elemento aglutinador das vontades de progresso. Dessa forma, encontra-se, num dos primeiros momentos da obra *Glória de pioneiros*, dois elementos que continuarão amalgamados durante todo o texto, que são o discurso de uma pastoral no qual humanos têm uma *vida ativa*, transformando a paisagem, e no qual alguns valores também modernistas, tais como o progresso, vão sendo constituídos ao longo da descrição de detalhes que mostram um enredo cativante e *potente*, e teleológico, evolutivo, que parte da enxada para chegar no trator. O *explanans* é a elite econômica local; o *explanandum* é a tecnologia.

Sempre em sucessivos *flashbacks*, a autora constrói a narrativa em tons modernistas e pastorais: Fraiburgo, “de um lugar ermo, porém de natureza prodigiosa, e por longos anos inacessível, justamente como santuário da natureza, aos poucos adquiriu forma” (LOPES, 1984, p. 10) e, agora, uma empreitada maior em termos discursivos se aproxima: G. P. Lopes falará de sua concepção sobre ecologia, esquadrinhando um aspecto inédito em termos de justificativa do progresso, e de uma nova interpretação sobre as intervenções humanas no mundo natural.

Ao citar a implantação de projetos de fruticultura, a autora enfatiza que a cidade é um verdadeiro paraíso ecológico, sustentando que, “na extensão verdejante *preservada – e até ampliada – através de vastos reflorestamentos, da intensificação da fruticultura, Fraiburgo hoje, descortina-se sobre um firme pedestal e se destaca como uma enorme esmeralda*” (LOPES, 1984, p. 10) (grifo meu).

G. P. Lopes desloca-se para a família Frey e o processo de desbravamento da área que iria ser chamada de Fraiburgo, em 1961. Partindo da vila de Perdizes (atual município de Videira/SC), René Frey, então empresário do ramo de madeira na região, e, em 1937, em vias de negociar uma área de terras próximas àquela vila e, teoricamente, repleta de reservas madeiráveis, combinou uma viagem a cavalo para o Campo da Dúvida (atual Fraiburgo) a fim de examinar a região, acompanhado por sua esposa, Maria. Esse fato aparece como elemento fundador da história da ocupação não indígena da região, tanto na obra dessa autora, como na *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

de W. Frey.

Ao dar atenção o processo de expansão da indústria madeireira na região, levando em conta, com isso, alguns ideais de civilidade, enfatizando valores como o trabalho, a velocidade, a eficiência no trato com a nova região, do ponto de vista da ação humana de desmatamento e de conversão de um espaço inaugural em território de exploração econômica, G. P. Lopes hierarquizava as necessidades e o trabalho dos “pioneiros”, lembrando que “a primeira providência [de René Frey], por iniciativa própria, foi refazer o trecho entre Perdizes e Marechal Hindenburg, e após, abrir a estrada definitiva para o pinhal. O importante, contudo, era chegar lá o mais rápido possível” (LOPES, 1984).

Mas o relato desse empreendimento ficou nas mãos de Maria Frey, o que representa, também, uma típica marca da modernidade, e das práticas de leitura e de escrita características da descrição da natureza desde meado do século 19, onde a visão pragmática e econômica do homem pioneiro era transformada em narrativa romântica e leve por mulheres, como é o caso do casal Agassiz, em meados do século 19 no Brasil.

Eis como G. P. Lopes descreve Maria Frey e seu relato de 7 de setembro de 1937, quando ela e seu marido, René Frey, saíram da vila de Perdizes (atual município de Videira/SC), rumo ao Campo da Dúvida, uma área de terras distante 30km daquela vila, e que depois deu origem ao município de Fraiburgo:

Maria, ansiosa para conhecer o lugar, prontamente concordou [com a viagem] e, aproveitando o feriado de 7 de setembro de 1937, iniciaram a longa caminhada, mesmo sabendo dos sérios riscos a enfrentar. Além do desconforto da montaria, teriam que percorrer caminhos estreitos e escorregadios, atravessar rios de profundidade desconhecida, de lajes deslizantes que exigiam muita atenção. Um tropeço do cavalo seria, no mínimo, um banho desagradável... Para ganhar tempo, resolveram sair às 4 horas da manhã. *Pontualidade Frey!* (LOPES, 1984, p. 64).

Há vários pontos a serem destacados na escrita de G. P. Lopes acerca da viagem. O primeiro deles diz respeito ao processo de investigação das terras novas, pontuado pela aventura, pelo enfrentamento do desconhecido, por uma longa caminhada cheia de riscos e percalços, que vão desde a montaria incômoda (artifício humano) às adversidades postas pelo mundo natural, tais como a profundidade dos rios. Não deixa de ser interessante a construção da narrativa de viagem que faz questão de mencionar um homem desbravador, e sua mulher passiva, que concorda, ou melhor, apenas concorda, com a viagem, e que se encarrega de escrever as impressões da mesma. O segundo aspecto, é o de uma ética do trabalho rentável,

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

característica imputada aos imigrantes e seus descendentes na região oeste catarinense, de maneiras endógena e exógena, que serviram, durante muito tempo, para a construção de um discurso específico das etnicidades teutas e ítalas ligadas ao valor-trabalho. Um dos principais trabalhos a pontuar essa questão é o recente livro de Eunice Sueli Nodari, *Etnicidades renegociadas* (2009), que trabalha o reescalonamento e as sucessivas reinvenções da identidade étnica de teutos e ítalos no processo de construção da identidade regional do oeste catarinense.

G. P. Lopes não esconde o vínculo entre pastoralismo, etnicidade e trabalho. Ao continuar a empreitada de introduzir a leitura de Maria Frey no seu próprio texto, a autora observa que, “à medida que percorriam o trajeto, [Maria e René Frey] puderam apreciar os cenários de beleza: estes, cada qual mais lindo! [sic]. E o espírito observador e romântico de Maria procurava retê-los na memória. A natureza, ali, se apresentava magnífica! A paisagem que surgia, de um ou outro recanto, era maravilhosa” (LOPES, 1989, p. 64). Eis parte do relato de Maria Frey:

Ao nascer do sol, encontrávamo-nos nas proximidades de Marechal Hindenburg [colônia alemã próxima a Perdizes], a terra dos trigais!... os primeiros raios de sol, refletiam-se contra a suave ondulação, provocada pela brisa cálida da manhã, formando tons aveludados. A majestade dos pinheiros, expandia a copa verdejante lembrando enormes guarda-chuvas, curvando-se à pressão do vento. Quase ao fim da jornada, a plácida paisagem de uma tapera, protegida por respeitáveis chorões, que balançavam os longos ramos, como a emitir sinais de vida. Ao redor, velhas macieiras e marmeleiros, dominados pela praga do abandono, provocavam saudade... mais para o fundo, um forno em ruínas, teimava em amparar uma roseira florida (LOPES, 1989, p.65).

Trigais sempre tiveram importância na construção arcádica e pastoral da imaginação ambiental, principalmente europeia e nas neo-Europas. As plantações desse cereal estiveram historicamente ligadas ao abastecimento de grandes cidades, à feitura do pão, à incorporação do hábito do pão por diversas culturas a partir da difusão europeia, e, especialmente, ao cristianismo e suas diversas ritualísticas. Os trigais, portanto, têm sido passíveis de inúmeras apropriações que tanto desvendam uma ligação irredutível entre humanos e mundo natural a partir de uma perspectiva judaico-cristã, ocidentalista, mas também denotam o processo de constituição de terras agricultáveis.

A cultura agrícola, ao longo da jornada de Maria e René Frey, vai dando lugar, tanto à paisagem ainda não transformada em cultura agrícola, marcada pela araucária, também verbalizada por meio de um discurso pastoral, e, acompanhada de uma leitura nostálgica a

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

partir do momento em que o casal encontra uma tão bem descrita *tapera*. Não se trata aqui, apenas, de construir um cenário de abandono; a ênfase na representação da *tapera* serve para consolidar o discurso da colonização da ocupação, e da exploração de recursos naturais a partir de uma ética do trabalho rentável e do empreendimento capitalista e modernista, de domesticação da natureza local.

Lentamente, a autora de *Glória de pioneiros* conduz leitores e leitoras para o devir desse processo de nomeação do lugar, ao narrar a construção da serraria de René e Arnaldo Frey no então Campo da Dúvida, tão logo a primeira visita de 7 de setembro de 1937 foi realizada: “Assim, na base da engenharia prática, usando os recursos naturais, em pouco tempo as instalações ficaram prontas. De fazer inveja a Robinson Crusóé (sem ser uma ilha). Até despertador natural os acordava cedo, o ronco dos bugios que ali havia aos bandos” (LOPES, 1989, p. 60).

Todo o processo de instalação da serraria durou três estações, entre setembro de 1937 a julho de 1938, e, nesse sentido, a construção discursiva do inverno como paisagem terrível para o projeto de trabalho foi bem marcada na obra, vencida pela derrubada dos primeiros pinheiros naquele mesmo inverno de 1938: “Tudo precisava ficar pronto, antes da chegada do inverno, e apesar da escassez de recursos, conseguiram. Nesse ano de 1938, o inverno chegou violento! No decorrer da estação, 41 geadas. A neve também chegou a acumular até a altura das janelas. Justamente nessa fase, começou a derrubada dos pinheiros. As toras, depois de descascadas no mato, vinham até o estaleiro puxadas por bois” (LOPES, 1989, p. 67).

Algumas características são fundamentais na imaginação ambiental de Maria Frey. De início, trata-se de uma paisagem idílica que alia temores e medos humanos à suavidade e beleza das cores que percorrem os troncos das árvores, o canto dos pássaros, o movimento dos macacos na floresta.

A descrição da mata enfatizava principalmente a presença dos pinheirais. Toda a vegetação era caracterizada e classificada com base na espessura dos troncos; as árvores dividiam lugar com a umidade e, especialmente, quando chegaram no lugar de descanso, não se tratava de uma clareira qualquer sem mato, mas sim um espaço no qual o mato se afastou.

Se, por um lado, Maria Frey descrevia a opulência das árvores, outros aspectos da paisagem foram deixados em segundo plano. Sua descrição também tinha ligação com o momento pelo qual o Vale do Rio do Peixe passava no final da década de 1930, marcado pela aceleração da atividade extrativista, pelo desenvolvimento da agricultura e pela chegada de

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

muitos migrantes através da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande do Sul<sup>3</sup>.

## **2 Fraiburgo: berço da maçã brasileira, de Willy Frey (1989)**

Não há índices precisos sobre a circulação e a recepção de *Glória de Pioneiros*. Tendo inaugurado o caminho para outras publicações sobre a história do município de Fraiburgo, o livro passou a ser incorporado como produção autêntica do município, e comercializado, principalmente, para turistas em pontos de interesse espalhados ao longo da localidade. Mas, como toda obra que fala de história municipal, gerou desafetos, diversas interpretações e críticas, algumas delas já pontuadas em trabalhos acadêmicos anteriores (KLANOVICZ, 2005).

Cinco anos após *Glória de pioneiros*, em 1989, Willy Frey, filho de René Frey (fundador do município), lançou *Fraiburgo: berço da maçã brasileira*. O autor deixava claro, desde o início do livro, que, além de pretender escrever uma história da difusão da maçã no sul do Brasil como um empreendimento que deu certo, pretendia escrever parte da história de sua família que ainda não havia sido contada de acordo com suas interpretações. Fazendo todo o percurso de uma quase ego-histórica, o livro de caráter bastante nepotista apresentava outras nuances interessantes para a discussão sobre a relação entre humanos e mundo natural, dessa vez, partindo da leitura de um empresário do ramo da pomicultura, e que era um dos pioneiros nessa área, no Brasil.

Fazendo coro com o livro de G. P. Lopes, a obra de W. Frey era simples, do ponto de vista editorial, mas perpassado por falas de outros autores, outros observadores da paisagem de Fraiburgo/SC, e não apenas de sua própria interpretação. A título de apresentação, o autor apropriou-se das impressões de uma jornalista, Rosely dos Santos, que, ao descrever o município, ligava-o ao tropo do Gênesis, dizendo que “evidentemente, lá a maçã é a grande atração; como reza a Bíblia, foi a atração que levou Eva a tentar Adão e, juntos, cometerem dois pecados – um deles comer o fruto proibido; o outro todos conhecem. E os dois pecados vêm sendo repetidos pela humanidade, desde sempre e para sempre” (FREY, 1989, p.7).

Depois desse pequeno texto de introdução, W. Frey chega no ponto nodal para este

---

3 Documentos encontrados no Arquivo Municipal de Campos Novos e disponíveis nos arquivos do Laboratório de Imigração e Migração do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina relatam o desenvolvimento da agricultura ao longo de todas as vilas próximas à EFSPRGS, na primeira metade do século. Cf. *Mosaico de identidade: uma história das práticas culturais e econômicas dos municípios de Campos Novos*, Anita Garibaldi, Abdon Batista e Celso Ramos. Florianópolis: Laboratório de Imigração e Migração – Departamento de História. 2004.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

artigo: a afirmação de que “a macieira é dócil”, ao explicar que o livro surgiu de uma palestra que deu pouco tempo antes do seu lançamento. Numa sequência rápida de informações ligadas ao controle da natureza pelos humanos, W. Frey mencionava as propriedades alimentícias e terapêuticas da maçã, e sobre “os truques e artimanhas de que se utiliza o pomicultura para “iludir” as macieiras e assim delas obter maior produtividade” (FREY, 1989, p.11). E continua Frey nesse tom, com os seguintes acordes:

Pode-se afirmar que, desde os primórdios da humanidade, o homem vem “educando” e aperfeiçoando a macieira. Ela é dócil, produtiva e tem certas exigências quanto a climas e solos. Necessita também ser tratada com técnica e carinho. [...] A macieira é dócil. Sabe por que? É possível serem cultivadas quatro ou mais variedades de maçãs em um só tronco; e produzidas, desta mesma árvore, maçãs vermelhas, amarelas e verdes. Estas variedades podem também oferecer quatro períodos diferentes de maturação e de colheita, de janeiro a maio. Aparentemente, um verdadeiro milagre os olhos leigos. a docilidade da macieira permite ainda outros contrastes. O homem pode “iludir” a planta e forçar a natureza. Assim, um ano antes envergalham-se os galhos na direção horizontal (FREY, 1989, p. 13).

O autor busca, aqui, começar a construir uma narrativa do predomínio e do controle técnico sobre o mundo natural, especialmente quando se refere aos “artificialismos” e às técnicas de “ilusão” da macieira, para torná-la dócil, ou seja, produtiva para interesses humanos. Um termo tem relevância: forçar a natureza. Essa premissa estará presente em toda a obra de W. Frey, especialmente quando o tema é a instalação dos pomares.

Mas há uma justificativa precisa para o uso de ideias como a de controle da natureza, sua correção e sua domesticação forçada. Um deles é o clima regional, que é muito diferente de onde se produzem facilmente maçãs, sem o apelo demasiado à técnica. A preocupação, no Brasil, de fato, é que não há clima favorável para a produção de maçãs, como acontece com a Europa. Macieiras precisam de cerca de 900 horas de frio igual ou abaixo de 7°C, para que tenham metabolismo considerado normal do ponto de vista da espécie, sem a necessidade de produtos químicos ou quaisquer artificialismos para manter a produção. Portanto, o clima, desde o começo da produção de maçãs em Fraiburgo, é um elemento fundamental na constituição de sua história. Sobre isso, W. Frey afirma que,

Nos países onde o inverno é rigoroso e há neve, sobram horas de frio. No Brasil, porém, utiliza-se o serviço de meteorologia para se fazer a contagem das horas de frio, no ano. Aqui ocorrem invernos com até 550 horas de frio apenas. É necessário, então, o emprego de artifícios, ou a aplicação de produtos químicos, para se suprir a

deficiência climática e assim se obter a dormência normal da macieira (FREY, 1989, p. 15).

A partir dessa afirmação, W. Frey começa a inserir cada vez mais elementos não humanos no coletivo que perpassa a produção de maçãs em Fraiburgo. A primeira delas é um inseto que seria fundamental para a produção da fruta desde a segunda metade da década de 1970, a abelha (*apis mellifera*). Segundo o autor, “As regiões de pomicultura, durante o mês de outubro de cada ano, apresentam em seus pomares um espetáculo paradisíaco, com agradável aroma das macieiras em flor e o zumbido constante de milhares de abelhas que realizam sua polinização” (FREY, 1989, p. 18).

Frey apropria-se de outros documentos, outras construções culturais como a poesia, incorporando-a em sua obra para construir, ainda mais, a fetichização da maçã, e a sua inclusão numa paisagem pastoral. Em *A misteriosa canção da maçã*, do escritor catarinense Paulo Ramos Derengoski, é possível observar algumas nuances, novamente, da ideia de uma domesticação precisa do espaço de Fraiburgo e sua conversão para o plantio de macieiras:

Na amplidão do planalto catarinense  
São longos e intermináveis os pomares de maçãs...  
dolentes e indolentes – mas doces e perfumados  
eles se perdem de vista em direção ao céu.

Néctar dos deuses,  
paradisíaca fruta do pecado, que Eva  
Enlouquecida por beleza tanta  
Deu a Adão, como símbolo fantástico do beijo  
sobre a terra devastada,  
Até se transformar em trabalho ganho com suor.

Fruta do amor...  
Envolve como os olhos da amada  
Misturam-se em nossa boca teus sabores mil:

A suculenta Gala,  
A reluzente Golden Delicious,  
A deliciosa Fuji,  
A exótica Mutsu,  
A misteriosa Starkrimson,  
A feminina Red Delicious.

Eu vejo e antevejo,  
Afirmo e reafirmo,  
Sinto e pressinto  
que um dia – maçã do amor,  
haverás de transformar as terras abandonadas  
de nosso planalto  
em nova Califórnia.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

Ouro verde/vermelho, que és,  
fruta desfrutável do futuro.. (FREY, 1989, p.37-8).

O poeta P. R. Derengoski não esquece de falar da devastação que serviu de pano de fundo para a implantação de pomares de macieira, no planalto catarinense, por meio do trabalho (suor). A alusão à Califórnia também não é gratuita, uma vez que aquele estado do extremo oeste dos EUA foi o local de atração de uma mão de obra incontável para o trabalho na fruticultura, especialmente a partir da segunda metade dos anos 1930, o que trouxe desenvolvimento econômico, seguido de problemas sociais, principalmente por causa dos reflexos da Depressão que começou em 1929, e de sucessivas quebras de colheita no meio-oeste, ocasionadas, tanto por eventos de ordem natural tais como secas, como, também, pela antropização da paisagem.

Quando da descrição dos processos de plantio, pela primeira vez aparece algum índice de preocupação ecológica em W. Frey. Ao falar dos plantios de larga escala realizados a partir do final da década de 1960, e das falhas da produção dos primeiros grandes pomares, o autor tenta explicar essa situação a partir de uma leitura das limitações impostas pelo próprio ambiente regional à ação humana, nos seguintes termos:

Em 1969, logo após a implantação inicial de seus pomares, na primeira florada de outubro, não havia frutos, porque fora inexistente a fecundação da florada. Duas foram as causas apontadas para explicação da falha: número insuficiente de insetos polinizadores e variedades polinizadoras ineficientes. No primeiro caso, foram os plantios de grandes áreas com macieiras que acarretavam o problema porque o refúgio dos insetos fora eliminado (FREY, 1989, p. 59).

Mas um exemplo basilar da discussão aqui apresentada versa sobre a crença na tecnologia por parte dos produtores, principalmente quando se fala em chuvas de granizo na região, elemento que tornou-se um verdadeiro “problema natural” a partir da implantação de extensos pomares em áreas contíguas de terra. Como Fraiburgo, no final da década de 1990, alcançava a casa de mais de 6 mil hectares de macieiras plantadas, o granizo, quando precipitava, tendia a causar grandes prejuízos, na medida em que sua mitigação ficava dificultada em razão da grande área de plantio.

Desde os anos 1970, produtores de Fraiburgo preocupavam-se com essa questão, e adotaram foguetes antigranizo para o bombardeamento de nuvens, com base em conhecimento empírico de funcionários “fogueteiros”, contratados pelas empresas produtoras.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

Contudo, a partir do final da década de 1980, esse conhecimento e a previsibilidade dos eventos passa a ser incorporada por um discurso científico, especialmente desde o momento em que a Associação dos Fruticultores de Fraiburgo importa, da então União Soviética, um sistema de radar de detecção e bases de lançamento de foguetes anti-granizo, além de funcionários vindos daquele país para trabalhar em Santa Catarina.

Sobre esse processo, W. Frey afirma, em *Fraiburgo: berço da maçã brasileira*, que: “o avanço tecnológico conseguiu controlar com bastante eficácia, doenças e pragas que afetam a cultura da macieira. Restava à tecnologia o desafio de vencer o maior e mais devastador inimigo: o granizo” (FREY, 1989, p. 69).

### **Considerações finais**

Em poucas páginas tentei exemplificar como a ligação entre pastoral como uma forma de apropriação da natureza, e o modernismo caracterizado pela aplicação de tecnologia na construção da fruticultura de clima temperado, a partir de duas produções de literatura regional, que transbordam, em minha opinião, tal relação.

Essas obras falam, portanto, não apenas da história da consolidação de uma cidade com base na fruticultura em uma determinada região de Santa Catarina, mas servem para pensar sobre tecnologia, conhecimento, literatura, imaginação ambiental, e sobre a húbriis humana no sentido de construir um largo sistema de controle sobre o mundo natural, e de desenhar discursos específicos das relações que existem entre humanos e não humanos, a forma como se manejam os recursos naturais, os desejos, os anseios, e as limitações que aparecem no percurso.

Os livros aqui apresentados em linhas gerais não são apenas obras literárias que falam da história de uma pequena cidade e da produção de maçãs como um todo. São parte de um sistema maior que é composto de tecnologia de controle sobre o mundo natural, e das vontades de controlá-lo. Esses sistema não é mero artefato humano, tratores, controle do espaço, geologia, agronomia. Ele é composto de governos, de interesses, de padrões estéticos, de linhas de pensamento, de representações sociais e de anseios que ora aparecem reificados numa interpretação mais modernista, ora numa pastoral que reatifica a ligação entre humanos e mundo natural.

**ABSTRACT:** This article discusses the relationship between pastoral ideal and technological modernism in the literature about apple production in Brazil. Books like *Glória de Pioneiros* (1984), by Gentila Porto Lopes, and *Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

*Fraiburgo: berço da maçã brasileira* (1989), by Willy Frey, had been discussed through some analytical categories like bioregionalism, hubris, nature writing and environmental imagination, taken from Ecocritics and Environmental History. These books are not simplistic local literature telling stories on apple orchards in a little town of Brazil's countryside; they are part of a system where technology, institutions, ecological relations, social representation and desires that are, in one hand, a modernist interpretation of nature, and, in other hand, a pastoral view that remithify human-non human relations.

**KEYWORDS:** Environmental History. Literature. Nature Writing. Bioregionalism. Modernism.

## Referências

BLEICHER, J. Situação atual do município de Fraiburgo. In: SIMONETTI, B. *Processo de criação do curso técnico em agropecuária encaminhado à Secretaria Estadual de Educação*. Fraiburgo, 1973. datilografado.

BUELL, L. *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writings, and the Formation of American culture*. Boston: Harvard/Belknap Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Writing for an Endangered World: Literature and Environment in US and Beyond*. New York: Osford University Press, 2001.

DELBARD, G. *Jardinier du monde*. Paris: Hachette, 1986.

FREY, W. *Fraiburgo: berço da maçã brasileira*. Curitiba: Vicentina, 1989.

JOSEPHSON, P. R. *Industrialized Nature*. Oxford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Would Trotsky wear a bluetooth?* Johns Hopkins University Press, 2010.

LATOOUR, B. *A esperança de Pandora*. Bauru: Edusc, 2001.

LOPES, G. P. *Glória de pioneiros: o Vale do Rio do Peixe (1930-1984)*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1984.

KLANOVICZ, J. *Natureza corrigida: uma história ambiental dos pomares de macieira no sul do Brasil (1960-1990)*. 2007. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

\_\_\_\_\_. Memória, fotografia e algumas versões: um estudo de caso sobre a memória no sul do Brasil. *Iberoamericana*. Berlin, n.34, p.7-20, 2009.

\_\_\_\_\_. Tchornobyl (1986) e Goiânia (1987): pensando cavalos de tróia modernistas. Mesa-redonda "História Ambiental". *XII Encontro Regional de História da ANPUH PR*. Irati, 2010. manuscrito.

KLANOVICZ, J.; NODARI, E. S. *Das araucárias às macieiras: transformação da paisagem em Fraiburgo/SC*. Florianópolis: Insular, 2005.

\_\_\_\_\_. Discursos técnicos sobre a produção de maçãs no sul do Brasil. *Interthesis. Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.

Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 117-144, 2010.

MARX, L. *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in America*. New York: Oxford University Press, 2000.

MUSSOI, E. M. Políticas públicas para o rural em Santa Catarina: descontinuidades na continuidade. In: PAULILO, M. I. S.; SCHMIDT, W. (Orgs.) *Agricultura e espaço rural em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 2003.

SCHMIDT, W. *O setor madeireiro em Santa Catarina: formação e consolidação de um complexo agroindustrial*. 1990. 256f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agrário). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Itaguaí, Rio de Janeiro, 1990.

VEJA. Coleção de 1983. Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

YOUNG, C. E. F. Is Deforestation a Solution for Economic Growth in Rural Areas? Evidence from the Brazilian Mata Atlântica. *Centre for Brazilian Studies – The Oxford University*. Disponível em: <<http://www.brazil.ox.ac.uk/confreports>> Acesso em: 15 abr. 2004.

WOLFF, C. S. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. *Revista Catarinense de História*, Florianópolis, v. 2, p. 5-15, 1994.

WORSTER, D. *Dust Bowl: the Southern Plains in the 1930s*. New York: Oxford University Press, 2004.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 7, p. 212-232, ago.-dez., 2010. Recebido em 18 out; aceito em 16 nov. 2010.